

Artigo

**IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS LITERÁRIAS**

**GENDER IDENTITY AND SEXUAL ORIENTATION: LITERARY PERSPECTIVES**

Talita Graziela Reis Melo<sup>1</sup>  
Maura Vanessa Silva Sobreira<sup>2</sup>

**RESUMO** - Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, que por meio do método de revisão da literatura objetivou revisar a literatura científica relativa ao entendimento dos novos desdobramentos da sexualidade humana. A busca de artigos incluídos na revisão foi realizada na base de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), sendo selecionado e analisado um total de cinco artigos entre os anos 2008 e 2015. Como resultados emergiram quatro categorias centrais, quais sejam, orientação sexual ao longo da história, transexualidade: uma identidade de gênero e preconceito e distorções. Em conclusão, dentre outros achados, o presente estudo demonstra que apesar da sexualidade se mostrar demasiadamente complexa, compreender melhor alguns de seus pormenores é de suma importância, para que possíveis deturpações venham a ser desmistificados, garantindo aos sujeitos o direito a vivenciar a diversidade.

**Palavras-chave:** Sexualidade. Orientação sexual. Identidade de gênero.

**ABSTRACT** - This is an exploratory-descriptive study, with a qualitative approach, which through the method of reviewing the literature aimed to review the scientific literature regarding the understanding of new developments in human sexuality. The search for articles included in the review was carried out in the Scientific Electronic Library Online (SciELO) database, and a total of five articles were selected and analyzed between 2008 and 2015. Four central categories emerged as results, namely, sexual orientation to the transsexuality: an identity of gender and prejudice and distortions. In

---

<sup>1</sup> Aluna do curso de Pós-Graduação *Latu Sensu* da Faculdade Gilgal, em Saúde mental, Sousa-PB, 2017. E-mail: talitagrazielapsi@outlook.com.

<sup>2</sup> Professora orientadora e docente do curso de Saúde Mental da Faculdade Gilgal, Sousa – PB.



## Artigo

conclusion, among other findings, the present study shows that although sexuality is too complex, better understanding of some of its details is of paramount importance, so that possible misrepresentations can be demystified, guaranteeing individuals the right to experience diversity.

**Keywords:** Sexuality. Sexual orientation. Gender identity.

## INTRODUÇÃO

A sexualidade sempre foi uma questão que despertou dúvidas e a curiosidade das pessoas, a forma como se relacionam, com quem, o que as atrai, qual o objeto de seu desejo, etc., porém, questões como essas ainda são consideradas como tabus para alguns. Falar sobre sexo, gênero e orientação sexual além de possibilitar debates, desmitificação de preconceitos e paradigmas serve como orientação, uma vez que no imaginário coletivo ainda habitam alguns mitos e inverdades sobre essas temáticas.

Inicialmente, para adentrar no universo da ampla sexualidade humana, é preciso se fazer conhecer a diferença entre três termos essenciais: sexo, gênero e orientação sexual. Dessa forma, para ter uma compreensão mais detalhada, comecemos identificando o que é, de fato, sexo. Para a socióloga Oakley (1972), em seu livro “Sex, Gender and Society”, o sexo nada mais é, que um termo biológico utilizado para designar o que é homem ou mulher, assim, o sexo está diretamente ligado a características físicas, como genitália externa e interna, gônadas, hormônios, cromossomos, etc.

Já o conceito de gênero é dotado de múltiplas facetas, pois não visa unicamente as diferenças físicas/biológicas, mas fala-se também em aspectos psicológicos e culturais. Stoller (1968) citado em Oakley (1972) define gênero como um termo com conotações muito mais psicológicas e culturais do que biológicas; se os termos usados para designar sexo são “macho” e “fêmea”, os termos correspondentes para gênero são “masculino” e “feminino” podendo ser bem independentes do sexo biológico.

Dessa forma, entende-se por gênero os traços de masculinidade e de feminilidade encontrados em uma pessoa, os gostos, a forma de falar e de se vestir, esses traços socialmente definidos tem influência direta na questão do gênero. Em outras palavras, quando reagimos a alguém como masculino ou feminino, não precisamos necessariamente ver se ele/ela tem pênis, vagina ou seios, é a forma de se comportar



## Artigo

socialmente que nos dá essa percepção, assim o gênero é um fato visível a maior parte do tempo, o sexo não.

Há muito tempo, a questão da sexualidade deixou de ver apenas o que é masculino e feminino, a dicotomia homem e mulher, a ciência, a evolução das sociedades e a própria complexidade do ser humano trouxe à luz a necessidade de ser o que se é, a busca pela satisfação dos seus desejos e a necessidade de ser livre para amar a quem quiser. Essa busca proporcionou estudos para além da parte biológica, trazendo questões de gênero, onde o masculino e feminino não são necessariamente vinculados ao sexo. A partir dessa nova visão, surge a formulação de orientação sexual, que segundo Cardoso (2008), abrange um conceito pessoal, social e legal.

Em conformidade com Rios e Piovesan (2001), orientação sexual é a identidade que se atribui a alguém em função da direção da sua conduta ou atração sexual, se esta se dirige a alguém do mesmo sexo, denomina-se de orientação homossexual; se, ao contrário, a alguém do sexo oposto denomina-se heterossexual, se pelos dois sexos, de bissexual. Dessa maneira, a orientação sexual está relacionada ao sentido do desejo sexual do indivíduo, se pelo mesmo sexo, pelo oposto ou por ambos.

Vê-se assim que todos os conceitos mencionados estão diretamente correlacionados, cada aspecto da sexualidade completa-se e dá sentido ao outro. Porém, para a maioria das pessoas esses termos e condutas ainda são mal interpretadas e mal compreendidas, ainda existe um certo entrave por parte da população em lidar com essas “novas” noções de sexualidade. Partindo da contingente abertura sexual e das discussões que vem se construindo sobre a temática que surgiu a necessidade desta pesquisa, onde percebeu-se que ainda existem muitas dúvidas sobre as questões de gênero e orientação sexual fazendo com que a população englobe todos os aspectos da sexualidade em “gays” ou hétero.

Por conseguinte, este artigo tem como objetivo analisar a partir da literatura o entendimento dos novos desdobramentos da sexualidade humana, da mesma forma que busca nomear as diferenças acerca dos conceitos de gênero e orientação sexual; distinguir identidade de gênero de orientação sexual e enumerar as possíveis distorções.

Logo esta pesquisa justifica-se não só por sua relevância acadêmica, como também por sua contribuição social ao tocar em temáticas pouco abordadas e que visa não apenas o fornecimento de dados estatísticos, mas de fato informar de forma simples e objetiva para que seja um conteúdo acessível a grande população. Somente com informação e orientação os preconceitos são desmistificados, mas mais que isso, permitir



## Artigo

criar uma atmosfera de respeito pelas diferenças, ainda que este pareça um objetivo utópico.

### **METODOLOGIA**

Trata-se de um estudo exploratório-descritivo, com abordagem qualitativa, que utilizou o método de revisão integrativa da literatura. A revisão integrativa da literatura consiste na construção de uma análise ampla da literatura, contribuindo para discussões sobre métodos e resultados de pesquisas, assim como reflexões sobre a realização de futuros estudos (MENDES, SILVEIRA e GALVÃO, 2008).

Para o levantamento dos artigos na literatura, realizou-se uma busca nas seguintes bases de dados: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e na Biblioteca Virtual em Saúde Brasil (BVS). Foi utilizado o vocabulário estruturado de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), através dos seguintes descritores e operadores de busca: Gênero AND Orientação Sexual.

A seleção inicial dos artigos foi realizada com base em seus títulos e resumos e, quando relacionados ao assunto, buscou-se o texto na íntegra, totalizando doze artigos entre os anos de 2008 a 2015. Após leitura minuciosa, foram selecionados cinco, disposto em quadro e organizado em categorias

Por tratar-se de pesquisa com enfoque em revisão da literatura, cujo propósito foi a análise secundária de dados, não envolvendo, portanto, seres humanos, não houve necessidade de apreciação e/ou aprovação por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Além disso, cabe salientar que foi mantida a autenticidade das ideias, conceito e definições dos autores dos artigos.

### **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A seguir tem-se o quadro 1, que apresenta a relação de artigos encontrados, por tipo e ano, além dos principais achados do artigo, no intuito de facilitar a apreensão dos resultados encontrados. Somado a isso, após o quadro, segue-se a discussão dos resultados.



## Artigo

**Quadro 1: Relação de artigos encontrados com principais achados por revista e ano.**

AUTOR	ACHADOS	REVISTA	ANO
Faro	Relatos de práticas análogas desde sociedades antigas; A liberdade de orientação sexual; Busca por reconhecimento público da possibilidade de orientação sexual diversa da hétero;	Subjetividades	2015
Petry e Meyer	Um grupo designado pelo discurso biomédico como transexuais; Indivíduos que rompem com o que lhes é designado pela norma heterossexual; Cirurgia de redesignação sexual; Busca pela adequação à norma heterossexual, redesenhando seus corpos e seus comportamentos.	Textos e Contextos	2011
Jesus	Preconceitos podem ser	Psico-USF	2013



# Temas em Saúde

Volume 18, Número 3

ISSN 2447-2131

João Pessoa, 2018

## Artigo

	expressos tanto por meio de ações discriminatórias quanto de discursos depreciativos; Práticas discursivas, políticas e terapêuticas, de um conjunto de crenças denominado “heterocentrismo”;		
<b>Baére, Zanello e Romero</b>	Os xingamentos como uma poderosa arma de controle social; Através destes os valores de gênero são não apenas representados, mas também perpetuados;	Bioética	2015
<b>Toneli</b>	As contribuições da Psicologia nesse âmbito; Os sujeitos se veem com um genuíno paradoxo uma vez que o sexo que revela é o mesmo que assujeita.	Psicologia Clínica (PUC-RJ)	2008

Após leitura e releitura dos artigos encontrados, emergiram quatro categorias centrais, quais sejam, orientação sexual ao longo da história, transexualidade: uma



IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS LITERÁRIAS

DOI: [10.29327/213319.18.3-21](https://doi.org/10.29327/213319.18.3-21)

Páginas 381 a 404

386

## Artigo

identidade de gênero e preconceito e distorções, as quais foram analisadas e discutidas, a seguir, sob a ótica da literatura consultada.

### **Orientação sexual ao longo da história**

Uma das questões mais polêmicas nos últimos anos tem sido a liberdade de orientação ou de opção sexual. A regra de que os opostos se atraem, atualmente, perdeu sua valia, até mesmo nas questões históricas, já se demonstrava que a especificação do gênero do parceiro sexual não era tão relevante, pelo menos durante a antiguidade, ganhando força apenas a partir do século VXIII, na cultura ocidental (FARO, 2015).

Fazendo uma pequena viagem histórica pelos povos e culturas antigas, é possível perceber como a homossexualidade foi ao longo do tempo concebida. Para os egípcios e mesopotâmicos, considerados os antecessores da cultura ocidental, aparentemente não apenas aceitavam as relações homossexuais, como também as reconhecia em sua literatura, mitologia e cultura, contudo, as evidências disso são apenas indiretas, não havendo muitos registros (FARO, 2015).

Na Mesopotâmia, a relação entre pessoas do mesmo sexo evidencia-se na mitologia, no conto de “relacionamento entre Gilgamesh, o grande e poderoso soberano de Uruk, e Enkidu, um homem criado pelos godos para divertir Gilgamesh”. Outra forte evidência, diz respeito ao rei Zimri-Lim e ao rei Hammurabi da Babilônia “que tinham amantes homens semelhantes as esposas” (grifos do autor) (FARO, 2015).

Existe um consenso entre os historiadores quanto aos relacionamentos homossexuais na Antiguidade Greco-Romana, de fato, não era algo proibido, havendo inclusive, tolerância social para esse tipo de relação. A Grécia Antiga reconhecia oficialmente os amores masculinos, e as relações sexuais entre homens desempenhavam uma função iniciativa, nem por isso tais ritos estavam desprovidos de desejo e prazer. Assim, impregnada por essa atmosfera de erotismo viril, a sociedade grega considerava a homossexualidade como legítima (FARO, 2015; BORRILLO, 2010).

Já a partir da Alta Idade Média, com o advento do Código Justiniano, por volta de 553 d.C, tornou-se ilícita a relação entre pessoas do mesmo sexo, colocando-a como uma falta tão grave como o adultério e o divórcio, uma vez que violava o ideal cristão do casamento. A Igreja passa a ter então uma forte influência sobre a forma como relações homossexuais eram vistas, afirmando ser espiritualmente contra essa relação, levando em conta que dela não poderia resultar procriação. Mas, é apenas por volta do século XIII que as uniões homossexuais passaram a ser combatidas inclusive com leis, que tornaram



## Artigo

a sodomia<sup>3</sup> como prática ilícita. A Igreja tornou-se assim, a protagonista na perseguição as pessoas que tivessem condutas invertidas. (FARO, 2015).

Embora as sociedades gregas e romanas tenham sido agressivamente sexistas e misóginas, elas nunca caíram no heterossexismo peculiar da tradição judaico-cristã. A condenação judaico-cristã as práticas homossexuais no início da Idade Média sob forte influência religiosa nos conceitos de gays e lésbicas se tornaram um mecanismo de poder para as autoridades da época, tendo em vista a estreita relação entre Estado e Religião (BORRILLO, 2010; JESUS, 2013).

Não se conhece, porém, o motivo pelo qual essa mudança ocorreu, contudo, ela coincidiu com o crescimento de uma cultura ocidental tipicamente urbana, burguesa e estatista. Deve-se acrescentar a isso o forte investimento feito pelas instituições religiosas para a partir de o modelo de sexualidade, através do qual se elabora uma organização social com um tipo de família, baseada num casal heterossexual e monogâmico que privilegia práticas sexuais direcionadas para procriação (FARO, 2015).

A esta altura os tribunais da Inquisição já perseguiram bruxas, hereges, judeus e pessoas que praticavam a inversão, não só durante a Idade Média, mas também durante a Idade Moderna, acreditando que as uniões homossexuais eram uma grande ameaça social ao todo poderoso Estado. O sistema de dominação masculina do tipo patriarcal consolidou-se com a tradição judaico-cristã; no entanto, esta introduziu uma nova dicotomia, "heterossexual/homossexual" (grifos do autor), que desde então, serve de estrutura, do ponto de vista psicológico e social, à relação com o sexo e com a sexualidade (FARO, 2015; BORRILLO, 2010).

Foi a partir do século XIX que os antes nomeados invertidos, passaram a ser chamados de homossexuais, embora não haja nenhuma correspondência entre os termos, a nomenclatura deu-se principalmente devido ao discurso médico-científico que se preocupava com a classificação das patologias, de maneira que, os primeiros estudos buscaram identificar as causas da homossexualidade e se propunham a criar terapias para tentar normalizar a vida sexual dos invertidos (FARO, 2015).

---

<sup>3</sup> A expressão latina sodomia é possivelmente o termo mais antigo utilizado para designar as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo, e tem sua origem nos textos do Livro do Gênesis, do Antigo Testamento. A interpretação da teologia moral cristã definiu o termo como aquele que, semelhantemente aos habitantes de Sodoma, pratica atos sexuais com pessoa do mesmo sexo (PRESTES e VIANNA, 2007).





## Artigo

Não só na Europa a inversão era perseguida como pecado ou crime, há na Índia, registros históricos de condenações contra sodomitas. Existem relatos de colonizadores espanhóis e portugueses sobre a inversão em povos nativos das Américas. O relato feito por Pedro Magalhães em 1516, mostra que havia no nordeste brasileiro, mulheres que deixavam seus afazeres e agiam como se fossem homens, estas mulheres tinham outras mulheres para lhes servir e com as quais elas diziam estar casadas e uma tratava a outra como se fossem marido e mulher. Entre os índios norte-americanos, os Astecas, os Maias e os Incas, existia uma tradição chamada berdache, esse termo designava homens e mulheres que haviam se desviado do papel tradicional de seu gênero adquirindo características e recebendo as responsabilidades do sexo oposto, sendo considerada pertencente a um terceiro sexo (FARO, 2015).

Seguindo pela história e pelas culturas, foi apenas em 1930 na África, que se encontrou registros de uniões homossexuais entre mulheres, as relações eram nomeadas como “maridos femininos” ou “casamento de mulher” (grifos do autor), pois um dos parceiros assumia o papel masculino na relação. Essa descoberta feita por antropólogos é muito importante, pois traz registros raros, uma vez que a maioria dos relacionamentos considerados sodomitas ou de invertidos eram para homens. Isso demonstra que a relação homossexual entre mulheres recebeu pouca atenção, porque durante a história elas eram consideradas sexualmente marginais (FARO, 2015).

Entre os povos asiáticos há fortes evidências da prática do berdache, sendo permitido assim, o relacionamento homossexual. As populações aborígenes (Austrália e Melanésia) desenvolveram um tipo de “homossexualidade ritualizada” através da qual um garoto em um ritual de transição para a vida adulta deve manter durante certo tempo relações com um homem mais velho. No Japão feudal, século XVII, a homossexualidade era institucionalizada entre os guerreiros samurais, os homens mantinham relações sexuais tanto com suas mulheres quanto com garotos. Na China, também se repetia o cenário de relações abertas e casos de amor entre homens, porém, durante o reino de Yongzheng (1723-1735), essas relações tornaram-se ilícitas e acabou provocando uma reorientação da sexualidade na China (FARO, 2015).

É fato, que vários comportamentos e atributos têm-se confundido com a orientação sexual, e para se evitar isso é possível usar uma distinção que divide e enxerga a identidade sexual a partir de quatro prismas: biológico (material genético presente nos cromossomos), psicológico (sentir-se homem ou mulher), sociológico (papel desempenhado dentro da sociedade) e erótico/afetivo (disposição pelo sexo oposto ou



## Artigo

pelo mesmo sexo), apenas este último tem relação com a orientação sexual do indivíduo (FARO, 2016).

Podemos pensar nos discursos produzidos socialmente acerca das mulheres e também dos homens em um processo histórico e social, referindo-se a seus sexos corporificados e biológicos, como a unidade que deve representá-los enquanto gênero; enquanto sabemos ser esta uma construção social, histórica e psíquica que não coincide necessariamente com o sexo que se tem (BUENO, 2006).

Sexualidade e gênero são dimensões diferentes que integram a identidade pessoal de cada indivíduo. Ambos surgem, são afetados e se transformam conforme os valores sociais vigentes em uma dada época. São partes, assim, da cultura, construídas em determinado período histórico, ajudando a organizar a vida individual e coletiva das pessoas. Em síntese, é a cultura que constrói o gênero, simbolizando as atividades como masculinas e femininas (BRASIL, 2009).

A diferença homo/hétero não é só constatada, mas serve, sobretudo, para ordenar um regime das sexualidades em que os comportamentos heterossexuais são os únicos que merecem a qualificação de modelo social e de referência para qualquer outra sexualidade. Assim, nessa ordem sexual, o sexo biológico (macho/fêmea) determina um desejo sexual, assim como um comportamento social específico (masculino/feminino). A divisão dos gêneros e o desejo sexual funcionam como um dispositivo de reprodução da ordem social, e não como um dispositivo de reprodução biológica da espécie (BORRILLO, 2010).

Social e biologicamente a orientação erótico-afetiva homossexual é vista como um mecanismo emocional que predispõe certos indivíduos a escolher, ou permitir que se escolha por eles, um papel não reprodutivo. Depois do surgimento da sexologia, no século XIX, a homossexualidade passou a ser entendida não como uma perversão sexual, mas como identidade sexual, tanto que o termo foi cunhado não para classificar ou estigmatizar, mas sim para definir sua orientação sexual, como parte da personalidade e do caráter de alguém (FARO, 2015).

Vista como um direito, a homossexualidade pode ser, com muito mais propriedade, apontada como uma liberdade de reconhecimento tardio. Não há dúvidas de que seja um direito fundamental, ou, pelo menos, a expressão do direito fundamental à autodeterminação quanto à própria orientação sexual, isto é, quanto à própria sexualidade do indivíduo (FARO, 2015).

Esses estudos citados reafirmam a ideia dos relatos de práticas análogas desde sociedades antigas, a liberdade de orientação sexual e a busca por reconhecimento público da possibilidade de orientação sexual diversa da hétero, como proposto por Faro (2015).



## Artigo

### **Transexualidade: uma identidade de gênero**

A transexualidade e os indivíduos transgênero vem atraindo a curiosidade e o interesse tanto da ciência quanto do público em geral. Essas pessoas têm ganhado espaço na mídia, falando abertamente sobre suas vidas e do processo enfrentado para a modificação corporal. O avanço da tecnologia nos últimos anos alavancou a implementação de procedimentos e terapêuticas farmacológicas e de técnicas cirúrgicas antes impensáveis nos domínios de gênero e sexualidade (JESUS, 2012).

Antes de adentrar o universo trans, é necessário esclarecer alguns pontos relevantes. A compreensão do que é gênero, orientação sexual, identidade sexual e cisgênero precisam ser reforçadas e esclarecidas para que se elabore uma visão mais abrangente dos termos e de como eles são maleáveis, não no sentido de “indecisão” ou de “confusão identitária”, mas no que se refere a abrangência e multiplicidade de vivenciar a sexualidade humana.

Gênero se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou mulher. Orientação sexual se refere à atração afetivossexual por alguém de algum/ns gênero/s. Uma dimensão não depende da outra, não há uma norma de orientação sexual em função do gênero das pessoas, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual (JESUS, 2012).

Gênero diz respeito aquela pessoa que é compatível com a materialidade do seu corpo, ou seja, sua genitália. De forma mais clara: teria gênero o homem que tem pênis e a mulher que possui uma vagina desde o dia do nascimento. Se o órgão sexual foi construído em cirurgia, essa pessoa não teria gênero. As pessoas que possuem identidade de gênero seriam aquelas que possuem determinado corpo que, pela lógica da heteronormatividade, não segue a linha coerente entre o órgão sexual (pênis ou vagina) e o gênero (masculino ou feminino, homem ou mulher). Assim, travestis e transexuais possuem identidade de gênero. Heterossexuais, gays masculinizados e lésbicas femininas possuem gênero (COLLING, 2013).

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. E o gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os



## Artigo

cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente (JESUS, 2012).

Sexo, biologia, natureza, órgão sexual, entendidos aqui como a materialidade dos corpos, não determinam os gêneros das pessoas. Várias pessoas nascem com determinadas características corporais e não se identificam com o gênero que a sociedade exige para aquele corpo. Assim, não existe nenhuma garantia de que alguém com genitália considerada masculina ou feminina será do gênero que a maioria entende como compatível com aquele órgão/corpo (COLLING, 2013).

Como as demais pessoas, uma pessoa trans pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, dependendo do gênero que adota e do gênero com relação ao qual se atrai afetivossexualmente. Para entender melhor: mulheres transexuais que se atraem por homens são heterossexuais, assim como seus parceiros; homens transexuais que se atraem por mulheres também o são. Já mulheres transexuais que se atraem por outras mulheres são homossexuais, e homens transexuais que se atraem por outros homens também. Não se pode esquecer, igualmente, das pessoas com orientação sexual bissexual. Nem todas as pessoas trans são gays ou lésbicas (JESUS, 2012).

Vale destacar que, em termos de gênero, todos os seres humanos podem ser enquadrados, com todas as limitações comuns a qualquer classificação, como transgênero ou “cisgênero” (grifos do autor). Cisgênero, ou “cis”, são as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído quando ao nascimento. E denomina-se não-cisgênero, aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans (JESUS, 2012).

Transgênero inclui todas as pessoas que questionam, através da própria existência, a validade da dicotomia sexo/gênero, sejam elas partidárias ou não da cirurgia de redesignação sexual (PETRY e MEYER, 2011).

Considerando a denominação biomédica, transexuais seriam aqueles indivíduos que se consideram “afetados” por um transtorno envolvendo a sua identidade de gênero, o que significa, utilizando linguagem diagnóstica, que eles não se reconhecem no corpo com o qual vivem. Essa falta de identificação pode levar a uma aversão intensa ao seu sexo biológico (PETRY e MEYER, 2011).



## Artigo

De acordo com o que está socialmente estabelecido para as pessoas, numa perspectiva biologicista e determinista, há duas – e apenas duas – possibilidades de locação das pessoas quanto à anatomia sexual humana, ou seja, feminino/fêmea ou masculino/macho. A heteronormatividade visa regular e normatizar modos de ser e de viver os desejos corporais e a sexualidade (PETRY e MEYER, 2011).

A transexualidade ainda é entendida e classificada como uma doença mental pelo discurso biomédico e, neste sentido, a cirurgia de redesignação sexual é entendida como a correção necessária para este transtorno, que visa adequar o corpo à mente do indivíduo. Despatologizar a transexualidade é dever dos Estados, além de assegurar os meios práticos para garantir a assistência à saúde dessa população. É um direito inalienável de todo cidadão e toda cidadã o acesso universal e igualitário aos padrões máximos de saúde e bem-estar (PETRY e MEYER, 2011; COLLING, 2013).

Sendo assim, a transexualidade coloca-se como uma questão de identidade. Não é uma doença mental nem debilitante ou contagiosa e não é uma perversão sexual. Não tem nada a ver com orientação sexual, como geralmente se pensa, não é uma escolha nem é um capricho. A novidade que o século XX trouxe para as pessoas transexuais foram os avanços médicos, que lhes permitiram adquirir uma fisiologia quase idêntica à de mulheres e homens cisgênero (JESUS, 2012).

Para aqueles diagnosticados e denominados como transexuais pelo discurso biomédico, como portadores de disforia de gênero, a cirurgia de transgenitalização assume caráter de necessidade, se assim o desejarem. Cria-se assim um paradoxo contemporâneo: o mesmo processo que rompeu com representações seculares de “corpo sexuado natural” presta-se para a restauração dessa normalidade. Desse modo, com e através do corpo reitera-se o que se constitui como sexo e gênero legítimos, sexualidade normal e identidades socialmente adequadas. (PETRY e MEYER, 2011).

No Brasil, a cirurgia de redesignação social, chamado de Processo Transexualizador, é ofertado pelo Sistema Único de Saúde – SUS, desde que o indivíduo se encaixe em dois critérios diagnósticos do “transexual verdadeiro” (grifos do autor), o primeiro seria apresentar orientação sexual homossexual e o segundo, apresentar aversão aos próprios genitais. Esses critérios permitem limitar a cirurgia de redesignação social aos indivíduos que se declararem homossexuais. Dessa forma, são desconsideradas as possibilidades cirúrgicas para além destes. Fazendo alusão ao segundo critério diagnóstico, há ainda indivíduos que almejam a cirurgia, mas que não apresentam, necessariamente, aversão aos seus genitais (PETRY e MEYER, 2011).



## Artigo

Muitas pessoas transexuais se contentam em apenas retirar ou colocar mamas, tomar hormônios para ter ou não ter pêlos no corpo, mas querem conviver com suas genitálias, ainda que muitas vezes não sintam prazer com elas. Essas pessoas ficam fora dessas políticas porque não atendem às características do que é ser uma ou um “transexual de verdade”. Esse discurso foi incorporado pelo movimento trans em nome do direito de fazer o processo transexualizador através do SUS (COLLING, 2013).

Os indivíduos denominados pelo discurso biomédico como transexuais pertencem a uma das muitas categorias inscritas no espectro transgênero, que não se encaixam no que foi socialmente estipulado e naturalizado como próprio ao seu sexo biológico. Há quem considere transgênero, como uma categoria à parte das pessoas travestis e transexuais. Existem ainda as pessoas que não se identificam com qualquer gênero, não há consenso quanto a como denominá-las. Alguns utilizam o termo *queer*, outros, a antiga denominação “andrógino”, ou reutilizam a palavra transgênero (PETRY e MEYER, 2011; JESUS, 2012).

Assim, faz-se indispensável desmistificar cada um dos componentes do espectro trans, no que tange a sua multiplicidade. Existe uma importante diferença entre o transexual, intersexual, crossdresser, travesti e transformista ou drag queen/drag king. As definições que se apresentarão, têm o intuito de esclarecer possíveis confusões entre os termos, além de facilitar a compreensão dos leitores.

Começando pelo transgênero, que é o conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento (JESUS, 2012).

A transexualidade é o termo que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Para pessoas transexuais, isso é apenas uma característica, entre outras, e não a única. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas (JESUS, 2012).

Enquanto o crossdresser se identifica como pessoas que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Já o travesti, vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. E por último, os transformistas ou drag queen/drag king, que na verdade são artistas que se vestem, de maneira



## Artigo

estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual (JESUS, 2012).

As análises propostas nesta categoria, corroboram com a proposta de Petry e Meyer (2011), que discutiram sobre um grupo designado pelo discurso biomédico como transexuais, indivíduos que rompem com o que lhes é designado pela norma heterossexual. Cirurgia de redesignação sexual e a busca pela adequação à norma heterossexual, redesenhando seus corpos e seus comportamentos.

### Preconceito e distorções

A diversidade, seja ela cultural, religiosa, étnica ou sexual acaba por vezes, resultando em intolerância, preconceito, distorções, ações discriminatórias, etc., esse efeito pode ser gerado por falta de informações adequadas ou por rejeição ao tido como “normal” e “aceitável”. No que concerne a orientação sexual e identidade de gênero, estudos apontam um quadro muito mais grave de intolerância, preconceito e de LGBTfobia, que não se limita a xingamentos ou discursos ofensivos, mas que geram estatísticas alarmantes dos chamados crimes de ódio.

A homossexualidade, entendida como relação sexual e afetiva entre pessoas do mesmo sexo, pressupõe inúmeros “pré-conceitos” (representações) culturais e históricos, entre eles a noção de identidade sexual. Ao longo do período em que esteve submetida ao veredito da medicina, a homossexualidade também foi objeto de estudo da psicologia e da psicanálise. Freud, que se debruçou sobre o psiquismo humano e sua relação com a sexualidade, usou o saber psicanalítico para contribuir com a ampliação do conceito de desvio sexual nos psicodiagnósticos, que logo foi incorporado a psiquiatria. Porém, na metade do século XX, movimentos sociais começaram a questionar a permanência da concepção de homossexualidade como doença (BAÉTE, ZANELLO e ROMERO).

Durante o século XX, em meados dos anos 60, os movimentos sociais organizados, como o feminista e o homossexual, a entrada massiva das mulheres no mercado de trabalho e o advento da pílula anticoncepcional, favoreceu a separação entre sexualidade e reprodução. A sexualidade tornou-se assunto de interesse intelectual em seus vários aspectos e dimensões, marcado por tendências teóricas distintas e todas essas possibilidades atravessam o campo da Psicologia (TONELI, 2008).

Duas perspectivas têm sido identificadas como as mais proeminentes nos estudos sobre sexualidade: essencialismo e construcionismo. A primeira busca a ideia de que



## Artigo

existe uma natureza essencial produzida dentro dos corpos, que um impulso inato aos indivíduos os leva à ação sexual. Já a concepção construcionista problematiza a universalidade de um suposto impulso sexual, uma vez que não existe um saber pré discursivo; o conhecimento só pode ser produzido através da linguagem. Em meados de 1990, Judith Butler, autora feminista, propõe uma leitura do sexo como efeito tanto do processo de naturalização e da estrutura social de gênero como da matriz heterossexual. Contestando as duas visões anteriores, a perspectiva queer ganha espaço (BORGES, CANUTO, OLIVEIRA e VAZ, 2013).

A teoria queer questionam a posição do sujeito moderno como um todo, em que se considera não apenas os sujeitos gays/lésbicas, a população LGBT, mas também todos/as aqueles/as que se consideram divergentes das formas normativas. Dessa maneira, a regulação dualista da sexualidade (hétero e homossexual) é vista por Butler como uma forma de apagar a multiplicidade de uma sexualidade subversiva, que romperia com a hegemonia heterossexual, cuja reprodução contou com grande respaldo teológico-médico-jurídico (BORGES, CANUTO, OLIVEIRA e VAZ, 2013; BAËTE, ZANELLO e ROMERO).

Assim, considera-se estratégico enfrentar, com discursos e contra discursos firmados tanto na vivência da diversidade LGBT quanto nos conhecimentos acumulados cientificamente, aquilo que se denomina como “heterocentrismo”, que seria toda forma de perceber e categorizar o universo das orientações sexuais e das identidades de gênero a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada dominante (JESUS, 2013).

A partir do século XIX, não apenas no Brasil, mas igualmente em quase todo o ocidente e oriente, a homofobia (expressão psicossocial de medo, aversão ou ódio a homossexuais, que abarcam também práticas discriminatórias de conluio, que não são conscientes) foi integrada ao discurso científico e defendida como forma de lidar com a homossexualidade (JESUS, 2013).

O heterocentrismo corresponde, a um conjunto de ideologias e crenças das quais derivam práticas heterossexistas e homofóbicas. Toda forma de perceber e categorizar o universo das orientações sexuais a partir de uma ótica centrada em uma heterossexualidade estereotipada considerada dominante e normal não apenas como estatística, mas principalmente no sentido moralizante do termo. Dentro do heterocentrismo, pode-se destacar ainda o heterossexismo e o sexocentrismo (JESUS, 2013).





## Artigo

O heterossexismo é um processo de invisibilização das pessoas homossexuais no cotidiano, que, no momento em que estas se tornam visíveis, transforma-se em violência contra elas, ou seja, atos homofóbicos. O heterossexismo se restringe a práticas discriminatórias específicas das redes sociais. O conceito de heterocentrismo, relacionado a um sistema afetivo e ideológico que impõe heterossexualidade como superior, é diferente do de heterossexismo, porque este se refere apenas à estigmatização das pessoas LGBT, no sentido da inferiorização. O que se defende, quando se refere ao heterocentrismo, é uma etimologia adequada ao objeto: a visão de mundo centrada na heterossexualidade que se torna um paradigma (JESUS, 2013).

Já o sexocentrismo está relacionado somente às questões de gênero: é o fenômeno universal da diferenciação ligada ao conceito de sexo biológico. Assemelha-se ao heterocentrismo, porém a diferença consiste no se refere a ideias e crenças distorcidas acerca de gênero, sexocentrismo, enquanto no heterocentrismo essas distorções se focam na questão da orientação sexual, da sexualidade (JESUS, 2012).

A discriminação sofrida por pessoas LGBTs no Brasil resultou, de acordo com o relatório de 2016 do Grupo Gay da Bahia, em 343 mortes. Isso corresponde a um homicídio de pessoa LGBT a cada 25 horas no Brasil. O relatório aponta que os números só vêm aumentando nos últimos anos, 130 nos anos 2000, 260 em 2010 (ROSA, 2017).

Para além dos crimes resultantes em vias de fato, como assassinato ou tentativas de homicídios, é preciso chamar atenção as agressões verbais e psicológicas, além de constrangimentos e situações vexatórias. Os efeitos da discriminação podem ser devastadores, dessa maneira, estudos sobre o impacto do preconceito em pessoas LGBTs, apontam que o foco não é na raiva e demais sentimentos negativos, naturais e esperados em quem sofre este tipo de preconceito, mas sim, nas consequências de tais sentimentos para essas pessoas. Ou seja, existe uma interiorização da violência sofrida, deslocando-a ou reprimindo para os outros ou para si, produzindo depressão e atitudes autodestrutivas (ROSA, 2017).

Não obstante, os níveis de suicídio entre jovens homossexuais são três vezes maiores e até 30% dos suicídios de jovens está relacionado com a identidade sexual. Existe ainda, o risco do tal preconceito internalizado levar ao uso abusivo de substâncias, comportamento comum dentre pessoas da comunidade LGBT. Posto isso, fica mais claro como a negação de direitos e afetos e as violências inerentes aos processos discriminatórios podem prejudicar a saúde do sujeito. Afinal, quando se fica em casa por medo do que poderão lhe fazer apenas por se ter uma identidade de gênero ou uma



## Artigo

identidade sexual diferente da hegemônica, as trocas entre indivíduo e ambiente já estão muito limitadas (ROSA, 2017).

Além dos dados mostrados dos preconceitos vivenciados externamente, há ainda muitos comportamentos e juízos morais internalizados que se repetem mesmo entre aqueles dentro do universo LGBT.

Os sujeitos autodeclarados homossexuais utilizam os mesmos xingamentos de valores de gênero dos papéis sociais tradicionais. Verificou-se pouca distinção no emprego dos xingamentos, o que sugere a perpetuação dos princípios machistas e dos valores de gênero. Entre os homens homossexuais, as ofensas atribuídas aos homens, tanto homossexuais quanto heterossexuais, mantêm a categoria de comportamento sexual passivo como insulto predominante, ainda que os xingamentos sejam dirigidos ao próprio grupo. Portanto, embora muitas vezes sejam marginalizados e oprimidos por causa de sua homossexualidade, recorrem aos mesmos mecanismos homofóbicos contra os homens em geral. As mulheres autointituladas homossexuais também apresentam a tendência de apropriação dos valores heteronormativos na eleição dos piores xingamentos dirigidos aos diferentes grupos (BAÉTE, ZANELLO e ROMERO).

Em uma recente pesquisa, constatou-se que homens e mulheres homossexuais, ainda que não estejam enquadrados nos padrões da heterossexualidade oposicional, que reiteram os papéis sociais e tradicionais de gênero, os quais pregam a virilidade para os homens e o recato sexual para as mulheres. Além disso, apesar de se encontrarem à margem da heteronormatividade, eles reproduzem os comportamentos de seus “condenadores” (BAÉTE, ZANELLO e ROMERO).

Trazer a Psicologia para essa discussão é de grande valia, uma vez que esta é uma ciência que lida com processos mentais, comportamento humano e suas interações com o ambiente social e físico. Colocar o tema de gênero e sexualidade no debate, faz-nos repensar como esta vem desempenhando seu papel científico e social. Recentemente, uma polêmica trouxe a luz um embate entre os profissionais da Psicologia, a questão da “reversão sexual” ou “cura gay”, a ação foi movida por um grupo de psicólogas (os) defensores dessa prática.

No dia 15 de setembro de 2017, o juiz da 14ª vara do Distrito Federal, Waldemar Cláudio de Carvalho concedeu a esse grupo de psicólogas (os) uma liminar que lhes outorgavam permissão legal para que estes ofereçam terapias de reversão sexual.

Até fins do século XX, profissionais da Psicologia, Psicanálise e Psiquiatria defendiam que era necessário estabelecer e manter um comportamento heterossexual em



## Artigo

um paciente homossexual, não se interessando pela sua individualidade, apenas estipulando causas para o comportamento homossexual (JESUS, 2013).

Somente em 1993 a homossexualidade deixou de constar na Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde – OMS como um transtorno mental. A partir disso, em 1999 o Conselho Federal de Psicologia- CFP editou sua resolução retirando qualquer caráter de doença, distúrbio ou perversão da homossexualidade, considerando-a uma variação comum da orientação sexual, tal como a heterossexualidade e a bissexualidade, para qual só se deve buscar auxílio psicoterápico caso se esteja enfrentando dificuldades na aceitação e externalização dessa sexualidade (JESUS, 2013).

O Conselho Federal de Psicologia teve o cuidado de alertar os psicólogos brasileiros sobre o fato de que a homossexualidade “não constitui doença, nem distúrbio e nem perversão”, que “há, na sociedade, uma inquietação em torno de práticas sexuais desviantes da norma estabelecida sócio-culturalmente” e “a Psicologia pode e deve contribuir com seu conhecimento para o esclarecimento sobre as questões da sexualidade, permitindo a superação de preconceitos e discriminações” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1999).

O CFP considera na Resolução de 01/99, dentre outras ponderações “que a forma como cada um vive sua sexualidade faz parte da identidade do sujeito, a qual deve ser compreendida na sua totalidade”. Apresenta ainda que: “os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas” (ROSA, 2017).

Da teoria à prática psicológica, e em diferentes teorias psi (psicólogos, psicanalistas e psiquiatras), articulam-se e arbitram-se possibilidades de existência e marcações de diferenças, controlando corpos, prazeres, desejos e relações, legitimando assimetrias e desigualdades. As teorias proeminentes da Psicologia ocupam um lugar de destaque na produção do saber sobre as (homo) sexualidades, conferindo a essa um valor central (BORGES, CANUTO, OLIVEIRA e VAZ, 2013).

Mas porque essa questão é polêmica? A polêmica incide diretamente no fato de tratar a orientação sexual e a identidade de gênero como algo passível de ser modificado, principalmente dentro do campo da Psicologia, uma vez que esta tem grande peso nas questões referentes a quaisquer aspectos da sexualidade humana, e favorecer ou compactuar com tratamentos que garantem a reversão da homossexualidade,



## Artigo

bissexualidade, transexualidade, como uma doença, é descaracterizar e desrespeitar a subjetividade de cada indivíduo impondo regras de normatização.

Para os estudos aqui mencionados, coadunam as pesquisas de Jesus (2012), Baére, Zanello e Romero (2015) e Toneli (2008), que propuseram respectivamente: que preconceitos podem ser expressos tanto por meio de ações discriminatórias quanto de discursos depreciativos, o “heterocentrismo”. Os xingamentos como uma poderosa arma de controle social, e por último, as contribuições da Psicologia nesse âmbito.

## CONCLUSÕES

Ao longo dos anos, a sexualidade veio ganhando cada vez mais espaço nas discussões cotidianas e científicas. O grande tabu que norteou por anos o sexo como imoral, sujo e inapropriado, recebe hoje grande destaque e inúmeras pesquisas para esclarecer cada vez mais as dúvidas da população.

Lógico que ainda estamos distantes do ideal no que cerne ao conhecimento e a desmistificação de alguns conceitos básicos, que dão margens para preconceitos e discriminações, porém, muito já se avançou no reconhecimento e evolução dos conceitos de gênero, sexo, orientação sexual e identidade de gênero.

Como vimos, o sexo é biológico, e está diretamente ligado as características físicas que diferem homem de mulher, como genitália, gônadas, etc., gênero é social, construído pelas diferentes culturas, se refere a formas de se identificar e ser identificada como homem ou mulher. Orientação sexual se refere à atração por alguém de algum gênero. Contudo as pessoas que possuem identidade de gênero seriam aquelas que possuem determinado corpo que, pela lógica da heteronormatividade, não segue a linha coerente entre o órgão sexual.

Assim como a homossexualidade, a transexualidade tem sido estigmatizada como uma doença, sendo inclusive necessário o diagnóstico de disforia de gênero para que os indivíduos possam passar pela cirurgia de redesignação social, o chamado Processo Transsexualizador ofertado pelo Sistema Único de Saúde – SUS, desde que o indivíduo se encaixe em dois critérios diagnósticos: apresentar orientação sexual homossexual e, apresentar aversão aos próprios genitais.

Como as demais pessoas, uma pessoa trans pode ser bissexual, heterossexual ou homossexual, dependendo do gênero que adota e do gênero com relação ao qual se atrai afetivossexualmente. Os cisgênero, são as pessoas que se identificam com o gênero que



## Artigo

lhes foi atribuído quando ao nascimento. E denomina-se não-cisgênero, aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi determinado, como transgênero, ou trans. Transgênero inclui todas as pessoas que questionam, através da própria existência, a validade da dicotomia sexo/gênero, sejam elas partidárias ou não da cirurgia de redesignação sexual.

E todas essas mudanças e evoluções (nem tão novas como aparentam), acabam por gerar sentimentos diversos, que podem ir desde o apoio e compreensão, ou de raiva e repulsa ou ódio e temor pelo que está fora do “padrão normal”. Para além dos crimes resultantes em vias de fato, como assassinato ou tentativas de homicídios, é preciso chamar atenção as agressões verbais e psicológicas, além de constrangimentos e situações vexatórias. Fora os números alarmantes de mortes dos LGBTs, existem ainda os níveis de suicídio entre jovens homossexuais, chegando a ser três vezes maiores e até 30% dos suicídios de jovens está relacionado com a identidade sexual.

Dessa forma, pode-se concluir que existem tantas e infindáveis formas de vivenciar a sexualidade humana, e classificar ou rotular as pessoas como héteros ou “gays” é uma visão bastante limitada. A principal problemática diz respeito, justamente as diversas nomenclaturas que se tornaram tão corriqueiras ultimamente, que acabaram se criando um estigma para todas aquelas pessoas que fugissem da conduta heteronormativa. Assim, os objetivos desta pesquisa foram então alcançados, uma vez que os estudos abordados esclareceram as dúvidas que o fomentaram, trazendo uma discussão clara e didática.

Dá-se assim, aporte para mais pesquisas sobre o tema, tendo em vista que há uma grande produção no campo da sexualidade, porém ainda muito voltada para a homofobia ou a LGBTfobia, etc. Ampliar estudos nesse campo, e facilitar o acesso da população a esse conhecimento, difundindo-o, de modo que em um futuro próximo, as pessoas saibam não apenas diferenciar o que é gênero, orientação sexual, identidade de gênero, trans, cistransgênero, mas que aprendam que cada ser humano, em sua singularidade e subjetividade merece respeito e não um rótulo divisório.

Por fim, vislumbrar todos estes aspectos e como esses conceitos se estabelecem diante de uma pluralidade de formas de vivenciá-las, é compreendê-las não como regras imutáveis, mas como uma verdade individual, e da mesma forma perceber que ainda existe uma grande luta a ser travada para que os direitos destes cidadãos sejam reconhecidos e inquestionáveis.



**Artigo**

**REFERÊNCIAS:**

BAÉRE, Felipe de; ZANELLO, Valeska; ROMERO, Ana Carolina. **Xingamentos entre homossexuais: transgressão da heteronormatividade ou replicação dos valores de gênero?** Revista Bioética (Impr.). Universidade de Brasília- UnB. Brasília-DF, 2015.

BORGES, Lenise Santana; CANUTO, Alice de Alencar Arraes; OLIVEIRA, Danielle Pontes de; VAZ, Renatha Pinheiro. **Abordagens de gênero e sexualidade na psicologia: revendo conceitos, repensando práticas.** Psicologia: Ciência e Profissão, Pontifícia Universidade Católica de Goiás. V. 33, N. (3). Goiânia- GO, 2013.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia : história e crítica de um preconceito/** Daniel Borrillo; [tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira]. - Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Gênero e diversidade na escola: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais.** Livro de conteúdo. Rio de Janeiro, versão 2009.

BUENO, Cléria Maria Lobo Bittar Pucci. **O papel das representações sociais e da educação para o desenvolvimento da identidade de gênero.** Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. Universidade Estadual Paulista, Franca- SP, 2006.

CARDOSO, Fernando Luiz. **O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade.** Interamerican Journal of Psychology, vol. 42, núm. 1, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

**CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA.** Resolução nº01 de 22 de março de 1999. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão de Orientação Sexual. Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999\\_1.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf)



**Artigo**

COLLING, Leandro. **A igualdade não faz o meu gênero: em defesa das políticas das diferenças para o respeito à diversidade sexual e de gênero no Brasil.** Revista Contemporânea, V. 3, N. 2. Universidade Federal da Bahia- UFBA. Salvador, 2013.

FARO, Julio Pinheiro. **A note on homosexuality in history** (Uma nota sobre a homossexualidade na história). Revista Subjetividades, Fortaleza, 2015.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** 2ª edição – revista e ampliada. Brasília, 2012.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O conceito de Heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência.** Revista Psico-USF, Bragança Paulista, V. 18, N. 3. Universidade de Brasília, Brasília- DF, 2013.

ROSA, Lucas Camapum. **A LGBTfobia como fenômeno cultural e seus impactos psíquicos.** Monografia (Graduação) - Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

MENDES, Karina Dal Sasso; SILVEIRA, Renata Cristina de Campos Pereira; GALVÃO, Cristina Maria. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto & Contexto Enfermagem, vol. 17, núm. 4. Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2008.

OAKLEY, Ann. **Sexo e gênero/** Ann Oakley [traduzido Claudenilson Dias e Leonardo Coelho]. Revista feminismo. Vol. 4, N. 1, Universidade Federal da Bahia-UFBA, 2016.

PETRY, Rodolfo; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. **Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa.** Textos & Contextos. V. 10, N. 1. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre- RS, 2011.

PRESTES, Érika Aparecida; VIANNA, Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo.** Iniciação Científica.



# Temas em Saúde

Volume 18, Número 3

ISSN 2447-2131

João Pessoa, 2018

## Artigo

Vol. 1. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais- PUC Minas, Belo Horizonte, 2007.

RIOS, Roger Raupp; PIOVESAN, Flávia. **A discriminação por orientação sexual.** In: Seminário Internacional- As minorias e o direito, 2001, Brasília (Série Cadernos do CEJ, v. 24).

TONELI, Maria Juracy Filgueiras. **Diversidade sexual humana: notas para a discussão no âmbito da psicologia e dos direitos humanos.** Psicologia Clínica. V.20, N. 2, Rio de Janeiro, 2008.



IDENTIDADE DE GÊNERO E ORIENTAÇÃO SEXUAL: PERSPECTIVAS LITERÁRIAS

DOI: [10.29327/213319.18.3-21](https://doi.org/10.29327/213319.18.3-21)

Páginas 381 a 404

404